

Pensamentos e práticas autoritárias: uma análise da ascensão investigativa sobre o Integralismo

*Leandro Pereira Gonçalves**

Recebido e aprovado em 1 de setembro de 2010

BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep, 2010. 92p.

Há aproximadamente vinte anos, se alguém chegasse a algum centro de discussão investigativa e dissesse que era um pesquisador do Integralismo, sem dúvida seria visto com um ar de desconfiança, principalmente por ser um momento em que o historiador tinha uma preocupação exaustiva com a História Social e Econômica, não havia um olhar para a História Política. Analisar o movimento Integralista e suas relações no meio acadêmico é algo relativamente novo, mas está dentro de um contexto de franca ascensão.

Ao falar do Integralismo, pensa-se inicialmente em relações de práticas autoritárias e ditatoriais com atrelamentos fascistas, mas na verdade é possível identificar diversas outras questões dentro do movimento que pode ser considerado um dos grandes objetos de estudos da política do século XX, principalmente pelo forte crescimento nos anos 1930 através da Ação Integralista Brasileira (AIB). A continuidade da militância em um momento em que tais práticas não eram comuns após a Segunda Guerra Mundial com do Partido de Representação Popular (PRP) é algo que merece atenção, pois teve a capacidade de sobreviver na política por duas décadas. Com a dissolução do PRP, pensou-se que determinadas fontes ideológicas seriam extintas, mas a presença de um governo ditatorial no Brasil e a manutenção dos componentes ideológicos nacionalistas de cunho autoritário permaneceram, influenciando, assim, o surgimento dos denominados

* Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Contato: leandropgcalves@gmail.com

neointegralistas, que vêm provar ao cidadão do século XXI que ideologias reacionárias e a semente da intolerância ainda estão presentes no nosso meio.

Com o objetivo de contribuir com a pesquisa em torno do pensamento e práticas integralistas, o historiador João Fábio Bertonha, professor e pesquisador da Universidade Estadual de Maringá, publicou o guia: *Bibliografia orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)*, que vem a ser um instrumento de auxílio na pesquisa sobre Integralismo. A proposta do autor é oferecer ao leitor uma ampla visão e estatística das produções realizadas sobre (e pelo) o movimento Integralista e dessa forma viabilizar a informação sobre a relevância em estudar o tema.

Através do guia bibliográfico, é possível ter uma ideia do forte crescimento que a pesquisa sobre o Integralismo passou a ter nas últimas décadas, sendo que um dos principais pilares para o avanço desses estudos é apontado no prefácio: “Integralismo: o elo perdido da História?”, escrito pelo historiador Renato Alencar Dotta, que foi, ao lado do também pesquisador Rodrigo Christofoletti, criador do Grupo de Pesquisadores do Integralismo (GEINT).

Dotta desenvolve uma análise das pesquisas referentes ao Integralismo nos últimos anos, temática que se confunde com a própria trajetória pessoal e acadêmica do historiador, uma vez que o GEINT é percebido como um elemento aglutinador de debates e pesquisas. Sem dúvida, a dificuldade de diálogo no início do século XXI em torno da investigação do Integralismo propiciou a formação de um grupo não muito comum no meio acadêmico, uma vez que grande parte dos debates é restrita a reuniões esporádicas e projetos isolados. Com o GEINT o diálogo pode ser visto com maior riqueza, uma vez que Dotta e Christofoletti mesclaram a necessidade de diálogo acadêmico com inovações e avanços tecnológicos do novo século através da internet como elemento de aproximação de pesquisa. Dessa forma, desde 2001, existe uma lista de discussão moderada no site *yahoogrupos* que representa hoje mais de 100 pesquisadores de todas as partes do Brasil em torno do objetivo de desenvolver discussões e diálogos em torno das práticas e experiências autoritárias, sendo que o Integralismo é obviamente o foco central da análise.

O crescimento da pesquisa bibliográfica referente ao Integralismo passou a ser algo notório, despertando no pesquisador João Fábio Bertonha a necessidade de organizar um guia bibliográfico sobre o tema, obra lançada em 2010 na ocasião do IV Encontro de Pesquisadores do Integralismo, realizado em Juiz de Fora, ao lado do III Simpósio do Laboratório de História e Política Social da UFJF. O guia foi estipulado por Bertonha tendo como baliza inicial o ano de 1932, momento da

fundação da AIB, e o ano de 2007 como o término das referências, pois, mesmo a publicação tendo ocorrido em 2010, seria impossível promover uma seleção bibliográfica até esta data, posto que as pesquisas continuam e novas análises vêm sendo produzidas até hoje.

O autor criou, para o pesquisador ou interessado do tema, um índice para auxiliar a pesquisa e visualização de pontos específicos do Integralismo. Verifica-se, como ponto de extrema importância, o valor que Bertonha concedeu às obras produzidas pelos integralistas e anti-integralistas no período da legalidade e ilegalidade da AIB e do PRP, não as excluindo do guia e tratando essas como referências e não simplesmente como obras de catequização ou oposição a um ou outro movimento político. É claro que um questionamento é presente: se o guia é de referência bibliográfica sobre o Integralismo e destinado aos historiadores, é possível definir tais obras como análise histórica? Creio que a presença das obras no livro é válida, principalmente por permitir a visualização da produção específica dos militantes como agentes políticos do movimento, obviamente sem perder a função de fontes ou com a pretensão de querer substituir um debate analítico da academia.

Bertonha analisa, através de índice quantitativo, o desenvolvimento e crescimento da produção e é visível o aumento significativo que há a partir dos anos 1970 até a última década do século XX. Este momento é visto pelo autor como um período de fertilidade, mas sem ainda contar com a participação direta dos historiadores, que ainda não enxergavam a política como elemento crucial da pesquisa acadêmica. O Integralismo não era visto como algo histórico, o que é estranho, pois em plena década de 1970, quase 40 anos após a fundação da AIB, os pesquisadores não visualizavam o tema como algo de importância para compreender o desenvolvimento político do século XX. Assim, tal função ficou a cargo das Ciências Sociais, que até hoje são referência para qualquer pesquisador do tema. Não há pesquisador que não tenha esbarrado em nomes como Hélgio Trindade, José Chasin, Gilberto Vasconcellos ou Marilena Chauí.

Fábio Bertonha, assim como todos os pesquisadores do Integralismo, enxerga como ponto de partida da pesquisa acadêmica o estudo realizado pelo cientista político Hélgio Trindade nos anos de 1967 a 1971, na *Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne)*. Com a conclusão, a tese foi traduzida e publicada no Brasil em 1974¹ sob o título: “Integralismo:

1 João Fábio Bertonha na obra *Bibliografia orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)* informa que a data de publicação no Brasil foi 1975 (p.3), já no *corpus* das referências, informa que foi em 1974 (p.74). A data oficial, segundo o próprio Hélgio Trindade, é 1974, data de lançamento da obra em questão no Brasil.

o fascismo brasileiro na década de 30”. Este estudo promoveu a entrada da temática no meio acadêmico, sendo responsável por tornar conhecido o movimento, além de ter sido alvo de novas interpretações.

Após o citado trabalho, houve o desenvolvimento de novas pesquisas acerca do Integralismo dentro das Ciências Sociais, trabalhos que tiveram como aporte a crítica a tese do Hêlgio Trindade. A primeira a contrapor foi o clássico estudo de José Chasin, que no ano de 1977, sob a orientação do Professor Maurício Tragtenberg, na Escola de Sociologia e Política defendeu em São Paulo a tese de doutoramento: “O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio”. Nela criaram-se novas concepções para analisar o Integralismo de Plínio Salgado, questão que provocou diversos debates entre o autor e Hêlgio Trindade. A tese foi publicada no ano de 1978 e é considerada um dos principais elementos da historiografia contemporânea com o intuito de analisar o pensamento de Plínio Salgado dentro de uma concepção dialética lukacsiana.

No mesmo ano de 1977, ocorreu na Universidade de São Paulo a defesa da tese de doutorado: “Ideologia curupira: análise do discurso integralista”, escrita pelo cientista social Gilberto Felisberto Vasconcellos. Publicada em 1979, criou uma terceira via de análise do pensamento Integralista, remetendo a questões relacionadas ao movimento modernista, grupo que pertenceu o líder da AIB, Plínio Salgado.

Fechando as pesquisas e leituras referentes ao Integralismo na década de 1970, tem-se o estudo da filósofa Marilena Chauí: “Apostamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. Datado de 1978, a autora, promove a continuidade da criação de novos modelos interpretativos do Integralismo e, embasada no marxismo, faz um estudo com base nas classes contidas no movimento.

A quadriade (Trindade, Chasin, Vasconcellos e Chauí) passou a ser ponto de referência essencial para o estudo do movimento Integralista, influenciando de forma direta os estudos, embora ainda contidos nas Ciências Sociais e Filosofia. Somente em meados da década de 1980, a AIB passou a ser analisada, de forma tímida, dentro da academia histórica. Como foi mencionado, a História ainda não colocava a AIB como objeto de análise. Crê-se que esta opção caminhava ao lado das fortes relações do meio com o pensamento marxista e até mesmo pela Escola dos Annales, que não viam a História Política, ainda mais uma temática de cunho conservador, como algo necessário na ocasião.

Bertonha ressalta o crescimento das pesquisas no século XXI; somente nos seis primeiros anos do novo século 283 pesquisas foram realizadas sobre o tema, um número superior ao somatório das produções das décadas de 1980 e 1990. No novo século, com a passagem do tempo

e alterações metodológicas, a História Política passou a ter importância nos diálogos e a busca de novos temas, principalmente com a explosão dos cursos de pós-graduação que fez do Integralismo uma prática de pesquisa recorrente, mas ainda vista com certo ar de preconceito em determinados segmentos. Não há pesquisador do Integralismo que não tenha escutado a seguinte indagação: Por que você estuda o Integralismo? Você é integralista? Ora, nenhum historiador precisa ser homossexual para estudar a **História** da Homossexualidade no Brasil.

As novas discussões diferem das anteriores, pois, ao contrário dos sociólogos, o historiador não tem a preocupação central com o conceito e sim com a fonte documental. Colaborando com esse novo momento, Maria Teresa de Arruda Campos, na “Apresentação” do livro, ressalta a importância do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, instituição da qual é superintendente e responsável pelo Fundo Plínio Salgado. A cidade do interior de São Paulo foi transformada em “Meca” para todo pesquisador do Integralismo. O município recebeu, em 1985, a doação de todos os documentos pessoais e políticos das mãos da viúva de Plínio Salgado, Carmela Patti Salgado. Esse fato coincide com um momento de transformação política do Brasil, eliminando oficialmente as práticas autoritárias e reacionárias do país, transformando a ocasião em um momento propício ao estudo do Integralismo e congêneres.

Bertonha ressalta e organiza com plenitude os novos estudos do Integralismo, principalmente com a História Regional, que passou a ser tema recorrente de pesquisas acadêmicas, além da existência de uma ampla abertura temática, com a pulverização da história das mulheres, negros, literatura, memória, temas presentes nas novas discussões e evidenciadas no livro. É interessante notar que, no guia, não há uma grande presença de estudos que promovam diálogo com algumas áreas como a imigração portuguesa, espanhola, polonesa, japonesa. A imigração é uma temática que ainda está limitada à discussão do Integralismo com os italianos e alemães, informação ressaltada por Bertonha. A mesma coisa com estudos biográficos; não encontramos grandes referências no guia desta vertente analítica, além das relações do Integralismo e do próprio Plínio Salgado com outras lideranças mundiais. Outra lacuna do guia foi apontada por Dotta logo no prefácio: a falta de livros de ficção sobre o Integralismo; penso que teriam espaço, uma vez que as referências, como já analisado, não ficaram restritas aos debates historiográficos.

Dessa forma, percebe-se que o Integralismo ainda é, mesmo com o avanço dos últimos anos, uma temática de grande relevância e fertilidade, tanto é que o denominado “público leigo” está tendo uma série de informações sobre o tema, principalmente através de revistas

de grande circulação no Brasil comercializadas em bancas de jornais. Exemplo claro é o destaque que a *Revista Caros Amigos* concedeu ao estudo da direita brasileira em uma edição especial em dezembro de 2005. É interessante notar a justificativa emitida pelo secretário de redação da Editora Casa Amarela, Renato Pompeu, ao analisar a necessidade de conhecer e estudar o tema: “A direita brasileira é uma das mais espertas do mundo, porque entregou a pesquisa universitária à esquerda, para que esta estudasse os movimentos populares e assim ela ficaria bem informada – enquanto praticamente não há quem estude a própria direita e as elites em geral.”² Corroboro com a interpretação de Pompeu, por isso creio no trabalho de exaustão de Fábio Bertonha, em reunir referências sobre o tema, como algo que irá permitir um grande avanço da pesquisa não só do Integralismo, mas da direita brasileira em maior escala.

No entanto, as pesquisas referentes ao tema encontram alguns obstáculos externos no meio acadêmico e que são presentes em destaque no guia elaborado por Bertonha. Ex-militantes e atuais defensores do Integralismo não aceitam e não concordam com os estudos realizados e catalogados no livro de João Fábio Bertonha.

Nesse caso, temos que levar em conta as relações existentes entre: História, Memória e Militância. São três componentes que, possuindo intercessões, constroem-se a partir de perspectivas de visões de mundo, de interpretações, a partir de experiências particulares ou coletivas de percepção do que foi e continua sendo o Integralismo. Como historiadores, baseamo-nos nas fontes, em teorias e metodologias que estabelecemos como nossas ferramentas de trabalho e consideramos a História viva, ágil e transformadora. Assim, como a História, a memória pode pretender cristalizar determinados períodos, pode escolher quais representações podem satisfazer as suas argumentações. Porém, o que deve levar em conta é que o grau de envolvimento do historiador e da militância com o tema sempre provocará conflito, o ponto de partida será sempre divergente. O historiador, como João Fábio Bertonha e os membros do GEINT, busca o respaldo em sua ciência; o militante, em sua afinidade ideológica e é, justamente, por essa preocupação com a pesquisa e fidelização com a História que enxergo a obra como uma referência necessária para qualquer pesquisador da História Política do século XX.

2 EDITORIAL. Direita, eu? *Caros Amigos*: especial, São Paulo: Casa Amarela, n. 26, p. 3, dez. 2005.